

RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. M. M. **Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia / organização Ana Elisa Ribeiro, Pollyanna de Mattos Moura Vecchio.** – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2020.

Marcela Cristiane da Silva<sup>1</sup>  
Zacarias Oliveira Neri<sup>2</sup>

O livro “Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia”, publicado pela editora Parábola, em 2020, trata-se de uma obra organizada pelas autoras Ana Elisa Ribeiro e Pollyanna de Mattos Moura Vecchio. A publicação contém a contribuição de vários autores, na qual apresentam as reflexões a partir da participação de cada um deles em um projeto intitulado “Aula Aberta” que ocorreu durante a pandemia da COVID-19. Na obra, os autores aparecem nessa ordem: Carla Viana Coscarelli, Clecio Bunzen, Eduardo S. Junqueira, Roxane Rojo, Ione Aparecida Neto Rodrigues, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, Vicente Parreiras, Michel Montandon, Adriana Fischer e as organizadoras.

Diante desse cenário, Ana Elisa Ribeiro (Professora do CEFET-MG) e Pollyanna de Mattos Moura Vecchio (secretária do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG), preocupadas com a realidade do ensino brasileiro defasado e sem estruturas para enfrentar a pandemia, reuniram esse grupo de profissionais os quais se dedicaram a ajudar os professores que se encontravam sem solução para um ensino “remoto” imediato.

O projeto “Aula Aberta” tinha como proposta palestras interativas com o intuito de dar condições aos docentes para aprimorar e/ou desenvolver habilidades tecnológicas para o ensino das aulas online, além de promover discussões e reflexões sobre a realidade vivenciada por professores e alunos acerca da educação.

Sob esse viés, o principal objetivo do livro é apresentar as reflexões acerca da vivência do projeto, focando nas realidades encontradas pelo Brasil, tais como: de professores sem amparo da escola, de instituições extremamente atrasadas em relação ao que se pretende ensinar no âmbito educacional no século XXI, de incapacidade de utilizar todo o potencial que o arcabouço tecnológico pode proporcionar e de ajudar os estudantes que se mostraram totalmente perdidos em meio a tantos desencontros que a pandemia trouxe. Os autores, com o fito de mitigar esses problemas, fomentaram importantes discussões, principalmente sobre como conduzir as aulas no formato remoto.

Nesse sentido, analisando por uma perspectiva estrutural, o livro possui 11 ensaios, divididos em 2 partes, fora a apresentação: a parte 1, com ideias inspiradoras, e a parte 2, com ideias e práticas

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [marceu9999@gmail.com](mailto:marceu9999@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3130-8556>.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí e acadêmico do curso de graduação em Letras – Português e Inglês da Universidade Norte do Paraná. E-mail: [zacariasneri@ufpi.edu.br](mailto:zacariasneri@ufpi.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3784-2450>.

inspiradoras, preocupando-se com a realização dessas ideias. O ponto central da obra é refletir a dificuldade existente na atualidade de associar as tecnologias digitais à escola. Além disso, algumas questões norteiam o livro, tais como: Por que há tanta resistência por parte dos docentes? Por que tantas vezes os professores sabem da importância da tecnologia, mas não se aprofundam nessa ferramenta? Por que o governo não investe de forma apropriada na formação de professores e alunos associada à tecnologia educacional para que todos estejam familiarizados?

Na primeira parte da obra, o enfoque ocorre em torno das discussões que tratam sobre as estratégias de ensino. Coscarelli inicia com considerações sobre o ensino de língua durante a pandemia, que já era difícil presencialmente. O maior problema, segundo a autora, seria entender o que estava acontecendo, que ensino era esse e o que fazer para conquistar os alunos em meio ao caos psicológico em que as pessoas se encontravam. Depois, Bunzen traz a discussão sobre o desgaste mental no período pandêmico. A pouca proximidade com os recursos tecnológicos trouxe retrocessos, principalmente a ideia do “professor transmissor” que ainda resiste na sala de aula tradicional. Nesse meandro, a interação passou a ser sustentada em um ambiente que nem o próprio professor conhecia, o que tornou mais complicado ainda o ensino de língua materna.

Em seguida, Junqueira discute as escolhas inapropriadas feitas pelas escolas em uma prática que era emergencial, ou seja, que necessitava de adaptação. Segundo o autor, o desempenho não é satisfatório porque os alunos não vivem em uma realidade apropriada para essa modalidade. Isso fica claro pela compreensão básica do tipo de ensino vivenciado (“remoto?”, “híbrido?”, “EaD?” ou “semipresencial?”) que ninguém tinha. Após essa análise, Rojo propõe que os multiletramentos sejam repensados, ou seja, o professor que desconhecia as tecnologias ou não estava habituado a usá-las em suas aulas, terá que repensar sobre quais são as metodologias de ensino eficazes para utilizar em sala de aula. Essa reconstrução representa o que Rodrigues sugere em seguida – se o mundo muda, a avaliação também muda. Portanto, para a autora, é hora de elaborar outros critérios para a avaliação, pois ela é remota durante a pandemia, e não mais tradicional, o que mostra mais um motivo para o professor reconhecer que a tecnologia, ao abrir novas portas e possibilidades, tende a deixar o trabalho mais flexível, sujeito a transformações enriquecedoras.

Na segunda parte do livro, pensando em ideias atreladas às práticas, Paiva apresenta um novo ideal de letramento, baseado em Rheingold, que envolve atenção, informação, participação, colaboração e inteligência em rede. E, por conseguinte, devido à pandemia, uma nova forma de usar a mídia, seguindo a ideia do “coletar-relacionar-criar-doar”, atividade revolucionária. Logo após, Parreiras trabalha uma prática remota muito eficaz, a qual utiliza o livro didático de forma disruptiva trabalhando em grupos – a Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa (DIPAC) –, que possibilitou o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos.

Também são interessantes os posicionamentos de Montandon, ao sugerir uma produção de montagem de vídeos educacionais para os professores, que geralmente não possuem tantas habilidades

com a tecnologia. A orientação vai desde o processo de produção em etapas até a reprodução final. Depois, Fischer discorre sobre os letramentos acadêmicos, pensando em (re)contextualizações e sentidos, em busca de flexibilidade no ensino. A autora se aprofunda na produção de *podcasts*, gênero digital produtivo e muito trabalhado durante o ensino remoto.

Além disso, Coscarelli, discorrendo sobre a escola atual, defende a ideia de que para a instituição ser contemporânea precisa ser repensada, envolvendo mudanças no currículo, no espaço, no tempo, na avaliação e nas disciplinas, pois, segundo a autora, não dá para pensar na escola sem pensar no mundo. Por fim, Ribeiro encerra o livro tecendo críticas às pessoas que fingem não saber sobre a tecnologia aliada à educação, sobre os problemas tecnológicos que a escola enfrenta, as verbas mal executadas, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) trabalhadas de forma superficial e os professores que, quase sempre, estão despreparados. A autora afirma que são essas as maiores barreiras que afastam a tecnologia da escola e causam atrasos ainda maiores.

É importante destacar que até a pandemia havia diversas discussões sobre o uso das tecnologias digitais aliadas ao ensino e, em diferentes segmentos, como professores e pais majoritariamente resistiam. Com o panorama adverso, a pandemia da COVID-19, foi possível perceber que as escolas estão longe do ideal de uma educação tecnológica, ou seja, mantêm-se próximas a tudo aquilo que é ultrapassado, cujo ensino permanece preso às cadeiras e aos quadros brancos, sem mudanças significativas, sejam elas quaisquer.

Desse modo, a obra traz muitas inovações e reflexões que ajudam os leitores a encontrar respostas para várias questões que foram levantadas durante a pandemia, além da sugestão de métodos de trabalho inovadores, que podem reconstruir o pensamento acerca da tecnologia atrelada ao ensino, bem como trabalhar a criatividade a partir dessas ideias que constam na obra. Os autores desenvolvem posicionamentos pertinentes que transparecem o desejo de mudar a situação educacional do Brasil. No entanto, não se pode desprezar o contexto em que a obra foi produzida, que é de pandemia e que deve ser adaptada ao período pós-pandêmico. Outra questão salutar é levar em conta que a mudança de metodologias envolve outros fatores e atores sociais, como demais membros da escola e, até mesmo, o governo.

Consideramos também que, em um primeiro momento, alguns trechos podem parecer bem críticos, até duros, no entanto, são propícios para a questão analisada – é preciso enxergar “tecnologia” e “escola” conforme elas se manifestam no dia a dia. Outro destaque é a divisão do livro: primeiro a reflexão sobre a realidade associada à teoria, e depois, a outra parte, vinculando a teoria à prática, o que torna a leitura agradável. Soma-se a isso, a linguagem acessível que possibilita maior fluidez ao texto.

Dessa maneira, a proposta do livro atinge o público a que se destina justamente por trazer as ideias de maneira clara, as quais se aproximam da realidade do leitor. Assim, a área de tecnologias na educação se expande pela reflexão que o livro traz, principalmente por discutir o cenário educacional em um momento tão recente, a pandemia. A educação, durante o momento enfatizado, necessita desse

espaço de discussão e de registro de tal instante histórico. Sem dúvidas, a obra possui relevância por conter reflexões sobre a educação em tempos de pandemia e ser publicada enquanto a sociedade ainda necessita superar os desafios que foram impostos.

A obra, portanto, é destinada não só a profissionais da educação, mas também àqueles que estão em formação, para que saiam das universidades sabendo do que uma escola precisa de fato e como a realidade pode ser melhorada.

Recebido em: 3/8/2022

Aprovado em: 10/10/2022